



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ENFERMAGEM



Educação em Saúde na Era Digital: oportunidades e dilemas éticos no uso das redes sociais

Andressa Mendonça Batista

Juiz de Fora

2025

Educação em Saúde na Era Digital: oportunidades e dilemas éticos no uso das redes sociais

Andressa Mendonça Batista

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Enfermagem.

Orientador: Prof^a. Dr^a Angela Maria Corrêa Gonçalves

JUIZ DE FORA

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da
Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mendonça Batista, Andressa.

Educação em Saúde na Era Digital : Oportunidades e dilemas
éticos no uso das redes sociais / Andressa Mendonça Batista. --
2025.

48 p. : il.

Orientadora: Angela Maria Corrêa Gonçalves

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Enfermagem, 2025.

1. Educação em saúde. 2. Redes sociais. 3. Ética. 4.
Enfermagem. I. Corrêa Gonçalves, Angela Maria, orient. II. Título.

Educação em Saúde na Era Digital: oportunidades e dilemas éticos no uso das redes sociais

Andressa Mendonça Batista

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Enfermagem.

Aprovada em xx de junho de 2025.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Drª Angela Maria Corrêa Gonçalves - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.ª Drª – membro efetivo
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. . – membro efetivo
Universidade Federal de Juiz de Fora

*Dedico esta conquista à Deus, aos meus pais
Andrea e Odamir, à minha irmã Aneliza, à minha
avó Jurema e ao meu esposo Rafael.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que sempre foi o meu amparo e refúgio em todos os dias da minha vida.

Aos meus pais, Andrea e Odamir, que, com muita luta, nunca me deixaram faltar nada e fizeram de tudo para garantir a minha educação.

À minha irmã, Aneliza, e à minha avó, Jurema, que sempre estiveram nas primeiras fileiras da plateia, aplaudindo-me.

Ao meu esposo, Rafael, que foi, diariamente, o meu porto seguro, apoiando-me e incentivando-me a concluir a minha graduação.

Agradeço a Prof.^a Dr^a Angela pela orientação, paciência e competência.

As minhas amigas Ana Clara, Ana Luiza, Emanuely, Janaína, Maria Eduarda e Tainara que tive a honra de conhecer durante a graduação e tornaram todo o processo mais leve.

Enfim, agradeço todas as pessoas que fizeram parte desta etapa importante da minha vida.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	REVISÃO DA LITERATURA	14
2.1	Breve histórico das redes sociais.....	14
2.2	Ética e legislação nas redes sociais.....	17
2.3	Vantagens e desvantagens do uso das redes sociais.....	18
2.4	As redes sociais como ferramentas de trabalho na educação em saúde.....	19
2.5	A enfermagem e as redes sociais.....	21
3	METODOLOGIA	23
3.1	Tipo de estudo	23
3.2	Questão de pesquisa	23
3.3	Critérios de inclusão.....	24
3.4	Critérios de exclusão	24
3.5	Risco	24
3.6	Benefícios	24
3.7	Questão ética	24
3.8	Análise dos dados	25
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	30
4.1	O papel das redes sociais como ferramentas de trabalho na educação em saúde	30
4.2	Redes sociais e a educação em saúde	35
4.3	Principais desafios éticos enfrentados pelos enfermeiros ao utilizarem as redes sociais	37
4.4	Subsídios para o uso das plataformas de maneira ética e responsável pelos enfermeiros	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
6	REFERÊNCIAS	46

RESUMO

As redes sociais configuram-se como ferramentas relevantes na disseminação de informações e, quando utilizadas de forma adequada, podem trazer benefícios significativos tanto para os pacientes quanto para os profissionais de saúde, especialmente no contexto da educação em saúde. No entanto, é essencial considerar as implicações éticas envolvidas em seu uso. **Objetivos:** Conhecer o papel das redes sociais na promoção da educação em saúde. Identificar como as redes sociais podem ser usadas de forma eficaz para a educação em saúde. Detectar os principais desafios éticos enfrentados pelos enfermeiros ao utilizarem as redes sociais para interagir com pacientes e/ou divulgar informações. Oferecer subsídios para que os profissionais possam utilizar essas plataformas de maneira ética e responsável. **Método:** Trata-se de um estudo de revisão integrativa que utilizou 15 artigos em sua amostra que possibilitou a estrutura de quatro categorias temáticas, a saber: **Resultados:** 1) O papel das redes sociais como ferramentas de trabalho na educação em saúde: As mídias sociais demonstraram ser eficazes na promoção da saúde, educação, vigilância em saúde e suporte à prática profissional. Facilitam a comunicação com pacientes, fortalecem o ensino e a pesquisa e ampliam o acesso à informação. Contudo, ainda há resistência por parte de docentes e dificuldades na incorporação dessas tecnologias no ensino. 2) Redes sociais e a educação em saúde: As redes sociais se mostram como ferramentas eficazes na educação em saúde, especialmente no cuidado de doenças crônicas, oferecendo acesso ágil à informação e apoio ao ensino. Estudantes reconhecem seu potencial educativo e se revelam adeptos a capacitações sobre a temática, embora também haja riscos associados à autoestima e ao sedentarismo, reforçando a necessidade de uso consciente e qualificado. 3) Principais desafios éticos enfrentados pelos enfermeiros ao utilizarem as redes sociais: O uso profissional das mídias sociais levanta questões éticas importantes, especialmente relacionadas à privacidade, confidencialidade e conduta. Estudos identificam exposições indevidas de pacientes por estudantes e profissionais, evidenciando a urgência de uma formação ética sólida e de diretrizes claras de conduta. 4) Subsídios para o uso das plataformas de maneira ética e responsável pelos enfermeiros: Os estudos apontam o desconhecimento da Resolução COFEN nº 554/2017, além da ocorrência de condutas impróprias em ambientes virtuais. Isso revela a necessidade urgente de normatizações específicas, capacitação ética contínua e reflexão crítica sobre o papel da enfermagem no meio digital. **Considerações finais:** As redes sociais são ferramentas importantes na promoção da educação em saúde e fortalecem o papel do enfermeiro como educador. No entanto, seu uso exige preparo ético, conhecimento das normas vigentes e capacitação constante. As lacunas na formação e na regulamentação indicam a necessidade de maior investimento em políticas de Educação Permanente e de estudos que aprofundem essa temática, ainda pouco explorada na literatura.

Palavras Chave: Educação em saúde, redes sociais, ética, enfermeiro.

ABSTRACT

Social networks are relevant tools for disseminating information and, when used appropriately, can bring significant benefits to both patients and health professionals, especially in the context of health education. However, it is essential to consider the ethical implications involved in their use. **Objectives:** To understand the role of social networks in promoting health education. To identify how social networks can be used effectively for health education. To detect the main ethical challenges faced by nurses when using social networks to interact with patients and/or disseminate information. To provide support so that professionals can use these platforms in an ethical and responsible manner. **Method:** This is an integrative review study that used 15 articles in its sample, which allowed the structure of four thematic categories, namely: **Results:** 1) The role of social networks as work tools in health education: Social media have proven to be effective in health promotion, education, health surveillance, and support for professional practice. They facilitate communication with patients, strengthen teaching and research, and expand access to information. However, there is still resistance on the part of teachers and difficulties in incorporating these technologies into teaching. 2) Social networks and health education: Social networks have proven to be effective tools in health education, especially in the care of chronic diseases, offering rapid access to information and support for teaching. Students recognize their educational potential and are enthusiastic about training on the subject, although there are also risks associated with self-esteem and a sedentary lifestyle, reinforcing the need for conscious and qualified use. 3) Main ethical challenges faced by nurses when using social networks: The professional use of social media raises important ethical questions, especially related to privacy, confidentiality, and conduct. Studies identify undue exposure of patients by students and professionals, highlighting the urgency of solid ethical training and clear guidelines for conduct. 4) Support for nurses to use platforms ethically and responsibly: Studies indicate a lack of knowledge of COFEN Resolution No. 554/2017, in addition to the occurrence of inappropriate behavior in virtual environments. This reveals the urgent need for specific regulations, ongoing ethical training, and critical reflection on the role of nursing in the digital environment. **Final considerations:** Social networks are important tools in promoting health education and strengthen the role of nurses as educators. However, their use requires ethical preparation, knowledge of current regulations, and ongoing training. The gaps in training and regulation indicate the need for greater investment in Continuing Education policies and studies that delve deeper into this topic, which is still little explored in the literature.

Keywords: Health education, social networks, ethics, nurse.

1 INTRODUÇÃO

As redes sociais são definidas como "conjuntos de relações sociais que são estabelecidas entre indivíduos e grupos, mediadas por tecnologias digitais" (Castells, 2012). Segundo o referido autor, essas plataformas não apenas facilitam a comunicação, mas também influenciam a organização social e a formação de comunidades virtuais. Além disso, as redes sociais desempenham um papel crucial na construção de identidades e na disseminação de informações, criando oportunidades e desafios.

Dessa forma, a crescente popularização das redes sociais transformou a maneira como os profissionais se comunicam, compartilham informações e interagem socialmente. No contexto da enfermagem, essas plataformas oferecem oportunidades únicas para a troca de conhecimentos, apoio mútuo e disseminação de informações relevantes para a prática clínica.

Assim, é importante destacar a influência das redes sociais nas escolhas individuais, além de seu papel na promoção da saúde. Um estudo publicado na *JAMA Network Open* (Yousuf et al., 2020) evidencia essa influência, ao mostrar que uma campanha de mudança comportamental, conduzida por meio de uma plataforma de notícias e redes sociais, onde foram relatadas melhorias na higiene pessoal, com o objetivo de prevenir a transmissão do coronavírus-2 da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2). A pesquisa ressalta como as interações em comunidades *online* podem moldar as decisões dos indivíduos, demonstrando que as redes sociais não apenas atuam como canais de informação, mas também como espaços essenciais de validação e apoio nas escolhas relacionadas à saúde. Nessa perspectiva, a educação em saúde pode e deve ser explorada dentro das plataformas digitais, especialmente quando se trata de práticas de enfermagem preventivas e informativas sobre doenças.

No entanto, embora as redes sociais ofereçam benefícios para a promoção da saúde e a troca de informações, elas também trazem à tona dilemas éticos essenciais, como a privacidade do paciente e o sigilo profissional. A divulgação de imagens ou informações sem consentimento pode resultar em violação da ética profissional, comprometendo a confiança da sociedade na profissão de enfermagem.

Nesse sentido, vale destacar que, de acordo com os direitos do profissional de enfermagem, estão previstos:

Utilizar-se de veículos de comunicação, mídias sociais e meios eletrônicos para conceder entrevistas, ministrar cursos, palestras, conferências, sobre assuntos de sua competência e/ou divulgar eventos com finalidade educativa e de interesse social.

Anunciar a prestação de serviços para os quais detenha habilidades e competências técnico-científicas e legais. (COFEN 2024, p. 78).

Dentre as proibições, destacam-se:

Produzir, inserir ou divulgar informação inverídica ou de conteúdo duvidoso sobre assunto de sua área profissional.

Fazer referência a casos, situações ou fatos, e inserir imagens que possam identificar pessoas ou instituições sem prévia autorização, em qualquer meio de comunicação.

Anunciar formação profissional, qualificação e título que não possa comprovar.

Disponibilizar o acesso a informações e documentos a terceiros que não estão diretamente envolvidos na prestação da assistência de saúde ao paciente, exceto quando autorizado pelo paciente, representante legal ou responsável legal, por determinação judicial. (COFEN, 2024, p. 91-92)

À medida que as redes sociais se tornam mais prevalentes, é essencial compreender como elas impactam a prática diária dos enfermeiros e suas interações com pacientes e colegas. Partindo desse contexto, este estudo tem como problema de investigação: Como as redes sociais podem ser utilizadas para promover a educação em saúde de maneira eficaz? Quais são os desafios éticos enfrentados pelos profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros, ao utilizarem as redes sociais para se comunicar com o público?

Parto do princípio que as redes sociais podem ser uma ferramenta poderosa para promover a educação em saúde, permitindo aos profissionais da área disseminar informações precisas e baseadas em evidências sobre prevenção, cuidados e promoção de saúde. Por meio de postagens educativas, vídeos, infográficos e campanhas de conscientização, é possível alcançar um público amplo e engajar comunidades específicas, como gestantes, pacientes com doenças crônicas ou jovens. Além disso, as redes sociais facilitam a interação direta com o público, permitindo o esclarecimento de dúvidas e o fornecimento de orientações em tempo

real. Plataformas como *Facebook*, *Instagram* e *YouTube* também oferecem recursos para promover a saúde mental, criar comunidades de apoio e mobilizar a população em torno de causas de saúde pública. Enfermeiros também podem criar conteúdo para educar outros profissionais de saúde e manter-se atualizados sobre práticas e diretrizes. Ao utilizar essas plataformas de forma ética e responsável, respeitando a privacidade dos pacientes e garantindo a veracidade das informações, é possível melhorar a acessibilidade à educação em saúde e apoiar a promoção de hábitos saudáveis em diversas comunidades.

Nesse contexto, questionamos: qual o papel das redes sociais na promoção da educação em saúde? Quais são os desafios éticos enfrentados pelos profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros, ao utilizarem as redes sociais para se comunicar com o público?

É sabido que os profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros, enfrentam diversos desafios éticos ao utilizarem as redes sociais. Um dos principais é a preservação da privacidade e confidencialidade dos pacientes, que exige cuidado rigoroso para evitar o compartilhamento de informações sem o devido consentimento. Além disso, muitos profissionais podem ser tentados a expor aspectos de sua vida pessoal, o que pode comprometer a relação profissional e gerar confusão sobre a credibilidade das informações compartilhadas. Isso também pode levar à exposição de opiniões pessoais que não são apropriadas ou profissionais no contexto da saúde. Outro risco significativo é a divulgação de informações imprecisas ou desatualizadas, o que pode causar desinformação e prejudicar a saúde pública. Por isso, é crucial que os profissionais garantam a veracidade e relevância dos conteúdos compartilhados, mantendo sempre o compromisso com a ética e a qualidade das informações.

É importante destacar os motivos que despertaram meu interesse por essa temática. Tudo começou em 2021, quando, por questões pessoais e financeiras, precisei encontrar uma forma de conciliar o trabalho com os estudos. Foi nesse contexto que descobri o *marketing digital*. Inicialmente, comecei a estudar e me especializar de forma autodidata, e, com o tempo, me apaixonei pela área. Em 2023, fui contratada por uma agência de *marketing*, o que me proporcionou a oportunidade de atender clientes da área da saúde, como médicos, fisioterapeutas e médicos veterinários. Nesse novo universo, desenvolvi um olhar mais crítico sobre a ética profissional nas redes sociais e passei a observar de perto o poder dessas plataformas

na promoção da educação em saúde, além de seu papel fundamental em ajudar outros profissionais a se manterem atualizados sobre práticas e diretrizes do setor.

Portanto, o presente trabalho traz os seguintes objetivos:

Geral:

- Conhecer o papel das redes sociais na promoção da educação em saúde.

Específicos:

- Identificar como as redes sociais podem ser usadas de forma eficaz para a educação em saúde.
- Detectar os principais desafios éticos enfrentados pelos enfermeiros ao utilizarem as redes sociais para interagir com pacientes e/ou divulgar informações.
- Oferecer subsídios para que os profissionais possam utilizar essas plataformas de maneira ética e responsável.

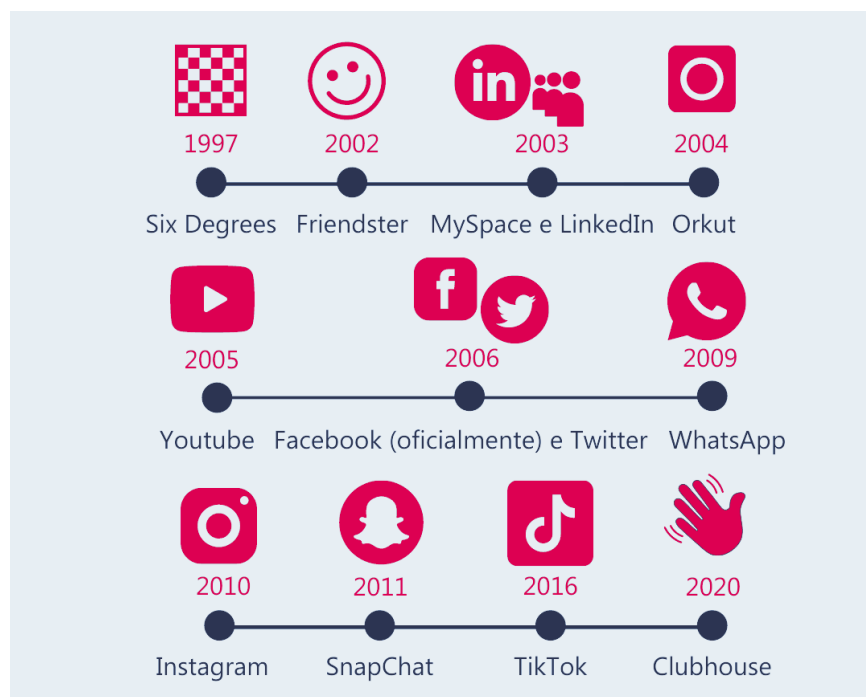
Com este estudo espera-se contribuir para os diversos aspectos que envolvem o uso seguro das redes sociais pelos enfermeiros, como ferramenta eficaz de aprendizagem significativa, além de reforçar a importância de discutir essas questões nos cursos de graduação em enfermagem.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Breve histórico das redes sociais

Os sites de redes sociais podem ser definidos como plataformas online que permitem aos usuários criar perfis públicos ou semi públicos dentro de um espaço restrito. Nessas plataformas, os usuários podem estabelecer conexões com outros indivíduos, visualizar suas próprias interações e explorar as conexões de outros membros. Ao se cadastrar em uma rede social, os usuários são incentivados a identificar pessoas com quem possuem algum tipo de relacionamento. O termo utilizado para descrever esses relacionamentos pode variar conforme a plataforma, sendo os mais comuns "Amigos", "Contatos" e "Seguidores". Embora a maioria das redes sociais exija uma confirmação mútua para estabelecer uma amizade, algumas plataformas não impõem essa exigência. Além dos perfis e das conexões, as redes sociais oferecem ferramentas de comentários e mensagens privadas, e frequentemente incluem recursos para compartilhamento de fotos e vídeos. Algumas ainda integram tecnologias de blogs e mensagens instantâneas (Boyd & Ellison, 2007).

Fig 1 - Linha do tempo das redes sociais



Fonte: Rock Content

A primeira rede social, o *Six Degrees*, foi criada em 1997, permitindo que os usuários criassem perfis e adicionassem amigos. A plataforma se posicionava como uma ferramenta para facilitar conexões e o envio de mensagens entre usuários. Apesar de ter alcançado milhões de usuários, o *Six Degrees* não conseguiu se tornar financeiramente viável, e o serviço foi descontinuado em 2000 (Boyd & Ellison, 2007).

Lançado em 2002, o *Friendster* foi uma rede social focada em conectar amigos de amigos, ao invés de estranhos. Inicialmente, obteve grande popularidade, alcançando 300.000 usuários por meio da “boca a boca”. No entanto, à medida que crescia, enfrentou sérios problemas técnicos e sociais, como falhas nos servidores e conflitos culturais com novos usuários. O site tentou combater práticas como a criação de perfis falsos, conhecidos como “*Fakesters*”, mas isso gerou frustração entre os usuários (Boyd & Ellison, 2007).

O *YouTube* é uma plataforma de compartilhamento de vídeos criada em fevereiro de 2005 por Steve Chen, Chad Hurley e Jawed Karim, ex-funcionários do *PayPal*. No início, a ideia era proporcionar um espaço para que os usuários pudessem facilmente carregar, compartilhar e visualizar vídeos. Em novembro de 2006, o *YouTube* foi adquirido pelo *Google* por 1,65 bilhão de dólares, o que impulsionou seu crescimento exponencial. Com o passar do tempo, a plataforma se transformou em uma das maiores fontes de conteúdo multimídia, abrangendo desde vídeos amadores até produções profissionais, e desempenhando um papel importante na maneira como os usuários consomem entretenimento, informações e interação socialmente *online*. (Burgess *et al.*, 2009)

O *Twitter* é uma plataforma de *microblogging*, semelhante a um serviço de mensagens curtas (SMS), que permite aos usuários compartilhar informações com um limite de até 140 caracteres por mensagem. A principal característica do *Twitter* é a agilidade na troca de informações. Além disso, a ferramenta possibilita que os usuários, publiquem conteúdos e interajam com outros usuários, contribuindo para a dinâmica de uma comunicação cada vez mais veloz e instantânea. (Rufino; Ohana; Tabosa, 2009).

Em 2003, o *LinkedIn* foi lançado com um foco voltado para conexões profissionais. Inicialmente, a plataforma buscava criar um espaço para que os profissionais compartilhassem seus currículos e experiências, mas com o tempo

expandiu suas funcionalidades, incluindo recrutamento de talentos, *networking* e desenvolvimento de carreira (Marigo, 2024).

O *Facebook* foi lançado em 2004 por Mark Zuckerberg¹ e seus colegas de faculdade, como uma plataforma exclusiva para estudantes da Universidade de Harvard. A proposta inicial era criar uma rede para conectar universitários, mas o sucesso levou à expansão para outras universidades e, posteriormente, ao público geral. Em 2006, o *Facebook* abriu suas portas para qualquer pessoa com mais de 13 anos, e logo se tornou uma das maiores redes sociais do mundo. A plataforma evoluiu ao longo dos anos, adicionando novos recursos como o "Curtir", as páginas de marcas e a aquisição de outras redes sociais, como o *Instagram* e o *WhatsApp*, consolidando seu poder no mercado digital (Boyd & Ellison, 2007; Kaplan & Haenlein, 2010).

Criado em 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger², o *Instagram* começou como uma plataforma chamada "*Burbn*", mas foi renomeado para *Instagram* em 2011. Focada no compartilhamento de fotos e vídeos, a plataforma rapidamente se tornou popular graças à sua interface simples e recursos como filtros, *stories* e vídeos curtos. Em 2012, o *Facebook* adquiriu o *Instagram* por 1 bilhão de dólares, o que impulsionou ainda mais seu alcance. Desde então, o *Instagram* tem se expandido constantemente, com a introdução de ferramentas como IGTV, *Reels* e a integração de compras, tornando-se uma das redes sociais mais populares, com mais de 2 (dois) bilhões de usuários ativos mensais (*Instagram*, 2020).

O *TikTok* é uma plataforma digital de mídia social focada em conteúdo multimodal, permitindo que seus usuários, conhecidos como *tiktokers*, criem, publiquem e compartilhem vídeos curtos ou longos, com duração de até 10 minutos. A principal proposta do aplicativo é estimular a criatividade por meio de ferramentas acessíveis e inovadoras, permitindo que os usuários expressem suas ideias de maneiras diversas. O *TikTok* tem como missão central inspirar a criatividade e proporcionar momentos

¹ **Mark Elliot Zuckerberg** é um magnata, empresário e filantropo norte-americano. Conhecido por co-fundar o site de mídia social Facebook e sua empresa-mãe Meta Platforms (anteriormente Facebook, Inc.), da qual é presidente, diretor executivo e acionista controlador.

² Nascido em São Paulo, Brasil, Krieger em 2004 mudou-se para Palo Alto, na Califórnia para frequentar a Universidade Stanford, onde ele estudou ciências da computação, ele conheceu Kevin Systrom. Os dois fundaram o Instagram em 2010.

divertidos, promovendo um ambiente onde a interação e a originalidade estão no centro das experiências compartilhadas (*TikTok*, 2022).

2.2 Ética e legislação nas redes sociais

A ética, segundo o princípio do imperativo categórico, determina que as ações sejam realizadas de acordo com uma máxima que possa se tornar uma lei universal. Ou seja, a ética está relacionada ao cumprimento do dever, independentemente das consequências (Kant, 1785). Nesse contexto, nas redes sociais profissionais, a ética exige que se aja de forma a respeitar tanto a privacidade e os direitos dos indivíduos quanto às normas da profissão.

O Dicionário Aurélio (2024) define "sigilo" como "sinônimo de segredo" e descreve o "sigilo profissional" como o "dever ético que impede a revelação de assuntos confidenciais ligados à profissão" (Aurélio, 2024). Assim, considerando que o segredo profissional é um direito do paciente, ele impõe aos profissionais de saúde a obrigação de manter a confidencialidade.

A justificativa para a confidencialidade pode ser entendida sob dois aspectos principais. O primeiro é de caráter instrumental, pois a confidencialidade é fundamental para a prática profissional: sem a garantia de sigilo, o paciente poderia hesitar em compartilhar informações cruciais para um diagnóstico e tratamento adequados. O segundo aspecto diz respeito à própria essência da profissão, que defende valores fundamentais e incontestáveis. A ética deontológica, que fundamenta esses princípios, estabelece deveres que impõem aos profissionais a obrigação de agir de maneira específica. A partir dessa reflexão, foram elaborados os códigos de ética profissional, que fornecem diretrizes e recomendações para um comportamento adequado, assegurando a qualidade técnica e humana do trabalho realizado (Luban, 1992).

No contexto da saúde, e considerando as informações acessadas pelos profissionais no desempenho de suas atividades, uma das associações mais frequentes remete ao juramento hipocrático: "Àquilo que, no exercício ou fora do

exercício da profissão e no convívio da sociedade, eu tiver visto ou ouvido, que não seja preciso divulgar, eu conservarei inteiramente secreto" (Hipócrates, s.d.). Esse compromisso, formalizado frequentemente por meio de juramento nas cerimônias de formatura nos cursos da área da saúde, reflete não apenas uma expectativa dos pacientes, mas também um dever ético que se estende a todos os aspectos da prática profissional, incluindo o uso das redes sociais.

2.3 Vantagens e desvantagens do uso das redes sociais

As redes sociais oferecem várias vantagens para a comunicação em saúde, como maior disponibilidade e personalização das informações, além de facilitar o acesso a conteúdo para grupos que enfrentam dificuldades em obter dados por métodos tradicionais, como minorias étnicas e grupos socioeconômicos mais baixos. Elas também desempenham um papel importante no fornecimento de suporte social e emocional, auxiliando na mudança de comportamento, como no abandono de hábitos prejudiciais à saúde. Na saúde pública, as redes sociais possibilitam o monitoramento em tempo real de surtos, reações do público e a disseminação de informações relevantes, o que contribui para a formulação de políticas de saúde e comunicação de risco (Moorhead et al., 2013).

Por outro lado, essas plataformas também oferecem aos profissionais de saúde e pesquisadores diversas oportunidades para crescimento e desenvolvimento profissional. Elas facilitam a colaboração em pesquisas, o acesso e a troca de informações científicas, além de ampliar a visibilidade dos profissionais perante financiadores e editores. As redes sociais também ajudam na busca por novas oportunidades de emprego, na participação remota de conferências médicas, na promoção de serviços e na discussão de casos com colegas (Chen; Wang, 2021).

Embora as redes sociais tragam benefícios significativos, suas desvantagens também merecem atenção e debate. Uma das questões mais problemáticas é a disseminação de notícias falsas, que se espalham rapidamente nessas plataformas. A detecção de informações falsas é desafiadora, especialmente porque elas são frequentemente elaboradas para parecerem verdadeiras, dificultando sua verificação. Além disso, tecnologias como a inteligência artificial podem ser usadas para criar e

propagar conteúdos falsos, tornando ainda mais complexa a tarefa de identificar e combater essas notícias (Aïmeur; Amri; Brassard, 2023).

Um exemplo claro dessa problemática foi a propagação de notícias falsas durante a pandemia de COVID-19. Uma das *fake news* mais disseminadas foi a de que prender a respiração por dez segundos a um minuto poderia servir como um autoteste para a doença (Fichera, 2020).

A desinformação nas mídias sociais também pode ser impulsionada por mensagens pessoais e opiniões, que frequentemente geram desconfiança, medo e ansiedade, comprometendo a credibilidade de fontes confiáveis. Esse fenômeno pode afetar negativamente as decisões sobre tratamentos e vacinas. A desinformação sobre vacinas, por exemplo, tem sido um fator crucial para o aumento da hesitação vacinal, contribuindo para surtos de sarampo em países como Estados Unidos, Filipinas, Ucrânia, Venezuela, Brasil, Itália, França e Japão, além do ressurgimento de outras doenças evitáveis por vacinas (Benecke; DeYoung, 2019).

Por fim, outros aspectos negativos que merecem ser abordados incluem violações de limites pessoais e profissionais (Moorhead et al., 2013) e questões jurídicas relacionadas à confidencialidade das informações dos pacientes (Lambert; Barry; Stokes, 2012).

2.4 As redes sociais como ferramentas de trabalho na educação em saúde

A educação em saúde, conforme definida pelo Ministério da Saúde do Brasil, é um processo que visa desenvolver habilidades e atitudes em indivíduos, grupos e comunidades, capacitando-os a tomar decisões informadas sobre sua saúde e promovendo o bem-estar físico, mental e social. Esse processo abrange a disseminação de informações, conscientização e capacitação sobre temas relacionados à saúde, com o objetivo de promover mudanças de comportamento e melhorar as condições de vida (Brasil, 2004). Nesse contexto, a educação em saúde é considerada um instrumento fundamental para a promoção da saúde, com ênfase na promoção de hábitos saudáveis, prevenção de doenças e fortalecimento da autonomia das pessoas na gestão de sua saúde. Para tanto, inclui diversas atividades,

como campanhas educativas, programas de prevenção e ações em escolas, unidades de saúde e outros espaços comunitários, incluindo as redes sociais.

Outro conceito relevante a ser destacado é o de E-Saúde (*E-health*), que se refere ao uso de tecnologias de comunicação, como a internet, para melhorar os serviços de saúde e facilitar o acesso à atenção médica. Além disso, envolve a informática médica, que se dedica à organização e fornecimento de serviços de saúde e informações por meio da internet e outras tecnologias. Essa abordagem propõe uma nova forma de trabalhar, mais conectada, com o objetivo de melhorar a saúde tanto localmente quanto globalmente (Pagliari et al., 2005). Nesse sentido, a E-Saúde está diretamente relacionada à educação em saúde ao utilizar tecnologias digitais, como a internet e plataformas online, para disseminar informações, capacitar profissionais e promover o aprendizado da população sobre cuidados e prevenção.

Dessa forma, muitos profissionais têm adotado ferramentas digitais para disseminar informações sobre doenças, prevenção e para a educação de estudantes, entre outras finalidades. Além disso, as pessoas recorrem a esses espaços para buscar orientações sobre questões de saúde, compartilhar suas experiências e emoções relacionadas ao adoecimento, e trocar vivências com outros que enfrentam situações semelhantes. Assim, as ferramentas digitais podem se tornar grandes aliadas nas atividades educativas, tanto ao divulgar informações quanto ao criar espaços colaborativos e interativos entre os indivíduos (Cruz et al., 2011).

Considerando esse cenário, é fundamental que os profissionais de saúde se adaptem ao uso da internet como ferramenta de educação em saúde. Isso exige uma combinação de conhecimento técnico e criatividade, com o objetivo de capturar a atenção dos usuários online e divulgar informações sobre promoção, prevenção, tratamento e recuperação da saúde (Cruz et al., 2011).

No contexto da Enfermagem, é essencial que o enfermeiro adquira conhecimentos, desenvolva habilidades e adote atitudes voltadas à educação em saúde, ampliando suas práticas para além de palestras presenciais e orientações individuais. Isso implica utilizar a internet e as mídias sociais como ferramentas de promoção da saúde por meio da educação.

2.5 A enfermagem e as redes sociais

O interesse pela inovação das mídias sociais no ensino de Enfermagem tem aumentado significativamente (Cathala e Moorley, 2023). De acordo com o Conselho de Enfermagem e Obstetrícia do Reino Unido, cerca de 355.000 enfermeiras e parteiras registradas no país estão ativas no *Facebook*, refletindo a crescente presença digital dos profissionais de saúde nas redes sociais (Conselho de Enfermagem e Obstetrícia, 2011).

Nesse contexto, o uso crescente das redes sociais, tanto na área da saúde quanto fora dela, tem causado um impacto profundo na profissão de enfermagem e na saúde pública, promovendo melhores oportunidades de comunicação e um acesso mais eficiente à informação. As redes sociais oferecem aos enfermeiros a oportunidade de interagir com outros profissionais e se atualizar sobre as últimas inovações no campo da saúde. Esse ambiente virtual é especialmente vantajoso para aqueles que atuam em regiões isoladas ou rurais, onde o acesso a recursos e apoio especializado pode ser mais restrito (Barry; Hardiker, 2012).

Além disso, um estudo sobre o uso de mídias sociais na educação em enfermagem demonstrou como estudantes e educadores utilizam essas plataformas tanto para o aprendizado formal quanto informal. A pesquisa revelou que mídias como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* são amplamente utilizadas para compartilhar conhecimentos, discutir tópicos relacionados à prática e acessar recursos educacionais. As plataformas também auxiliam na promoção do profissionalismo, na interação com colegas e instrutores e no desenvolvimento contínuo dos profissionais (Giroux; Moreau, 2022). Esse uso reforça o papel das redes sociais na integração de tecnologias emergentes e no fortalecimento da aprendizagem colaborativa e reflexiva na enfermagem.

No campo do ensino acadêmico, as redes sociais tem sido ferramentas eficazes no auxílio ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, de modo particular para alunos de graduação. O uso pedagógico das tecnologias de rede social como uma ferramenta de aprendizagem é de crescente interesse para os acadêmicos, proporcionando aos alunos a oportunidade de tomar parte na aprendizagem entre pares (Mesquita *et al.*, 2017).

As redes sociais também tem sido utilizadas pelos enfermeiros para a realização de intervenções por meio de mensagens de texto (por ex: sobre alimentação e atividades físicas), o que pode ser especialmente vantajoso para a promoção de mudança de comportamento e na melhora da qualidade de vida (Mesquita *et al.*, 2017).

Exemplos de comunidades virtuais, como o *Royal College of Nursing*, o *Nursing and Midwifery Council* do Reino Unido e outras, ilustram como plataformas como *Twitter* e *Facebook* são usadas para conectar profissionais e o público em geral, compartilhando informações relevantes sobre a profissão (Moorley; Chinn, 2014). Essas redes sociais desempenham um papel crucial na disseminação de dados importantes e no engajamento direto com profissionais e a sociedade, promovendo uma comunicação eficaz na área da saúde.

Contudo, com a ampla adoção das redes sociais, surgem questões relacionadas à ética, regulamentação e responsabilidades legais, que precisam ser cuidadosamente avaliadas. Isso é evidenciado pelo aumento de diretrizes e políticas voltadas para o uso responsável das redes sociais na enfermagem (Barry; Hardiker, 2012).

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura que é um método de pesquisa que contribui para aprofundar o conhecimento a respeito de um determinado tema, uma vez que reúne e sintetiza estudos já realizados sobre o tema pesquisado, de forma sistemática e ordenada (Mendes; Silveira; Galvão, 2008). Permite a inclusão, em sua amostra, de estudos com diversos delineamentos de pesquisa, como experimental e não experimental, no intuito de aumentar a compreensão do fenômeno pesquisado (Whittemore; Knafl, 2005).

Para o desenvolvimento desta revisão serão percorridas 6 etapas, de acordo com Botelho, Cunha e Macedo (2011) a saber:

- 1º etapa - identificação do tema e seleção da questão de pesquisa;
- 2º etapa - estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão;
- 3º etapa - identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados;
- 4º etapa - categorização dos estudos selecionados;
- 5º etapa - análise e interpretação dos resultados;
- 6º etapa - apresentação da revisão/síntese do conhecimento.

A pesquisa se deu nas bases de dados LATINDEX, MEDLINE, PUBMED, DORA, ISSNs, LILACS, DIADORIN, BVS - Bireme e Portal de Periódicos CAPES. Elencaram-se os descritores de acordo com os Descritores em Ciências da Saúde (DeCs), realizando as buscas da seguinte maneira “enfermagem” AND “educação em saúde”, AND “redes sociais”.

Os artigos selecionados no período de 2015 a 2024, estão apresentados no quadro 1, a seguir, contendo informações como: fonte, título, autor, objetivo, periódico, ano.

Questão de pesquisa

Sendo assim, para dar continuidade a essa construção, foram formuladas as seguintes questões condutoras: qual o papel das redes sociais na promoção da educação em saúde? Quais são os desafios éticos enfrentados pelos profissionais de

saúde, especialmente os enfermeiros, ao utilizarem as redes sociais para se comunicar com o público?

Critérios de inclusão

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: artigos nos idiomas português e inglês com recorte temporal de 2016 a 2024, textos completos disponíveis eletronicamente e de forma gratuita. Os artigos disponíveis em mais de uma base de dados foram incluídos apenas uma vez. Após a leitura dos resumos foi selecionado os artigos para a realização da pesquisa.

Critérios de exclusão

Foram excluídos estudos documentais, carta editorial, artigos repetidos e incoerentes com a temática em questão e também os que não responderam à pergunta norteadora.

Risco

A pesquisa não oferece riscos por se tratar de um estudo de revisão integrativa que utiliza dados secundários.

Benefícios

Ao realizar esse estudo, pretende-se contribuir com os profissionais que trabalham ou venham a trabalhar de forma virtual, tendo as redes sociais como ferramentas para disseminar conhecimento e promoção da saúde.

Questão ética

Esta pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) por ser um estudo do tipo revisão integrativa. Todavia, foi garantida a ética por meio da lealdade às informações abrangidas nos artigos de citação da fonte.

Análise de dados

Foi realizada leitura criteriosa dos artigos. Em seguida, a caracterização dos artigos teve suas informações dispostas em um quadro para melhor visualização e compreensão dos dados. A análise dos dados foi realizada de forma descritiva possibilitando observar, contar, descrever e classificar os dados, com o intuito de reunir o conhecimento produzido sobre o tema exposto na revisão e formar categorias de análise.

Posteriormente, os trabalhos foram comparados e agrupados, por similaridade de conteúdo, sob a forma de categorias empíricas, sendo constituídas quatro categorias para a análise, especificadas como:

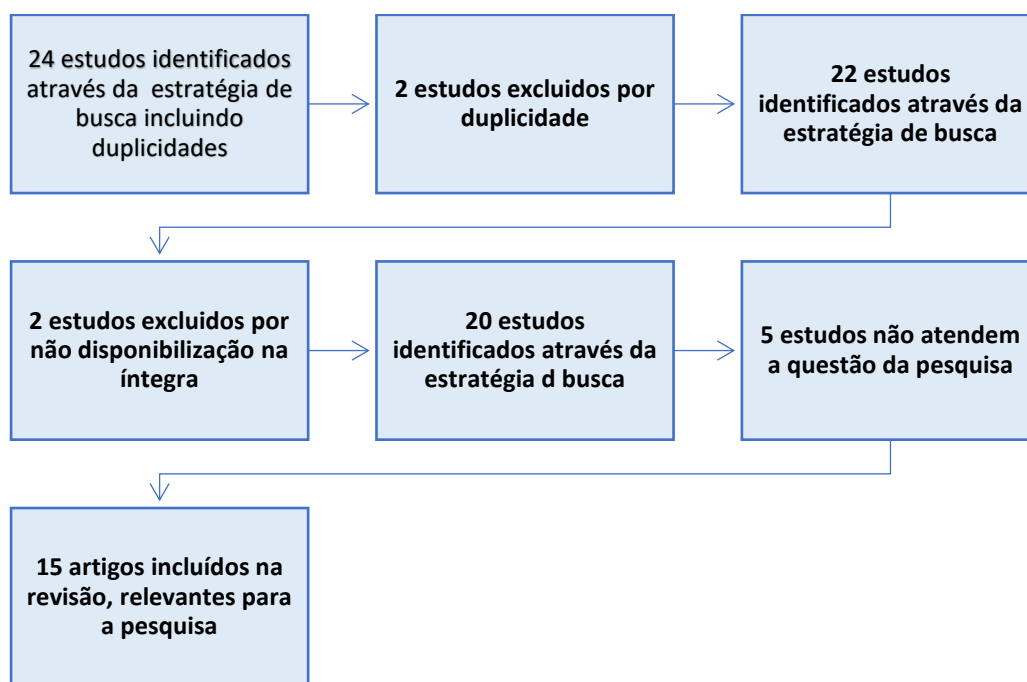
- O papel das redes sociais como ferramentas de trabalho na educação em saúde.
- Redes sociais e a educação em saúde.
- Principais desafios éticos enfrentados pelos enfermeiros ao utilizarem as redes sociais.
- Subsídios para o uso das plataformas de maneira ética e responsável pelos enfermeiros.

Quadro 1 – Apresenta os artigos que compuseram a amostra deste estudo.

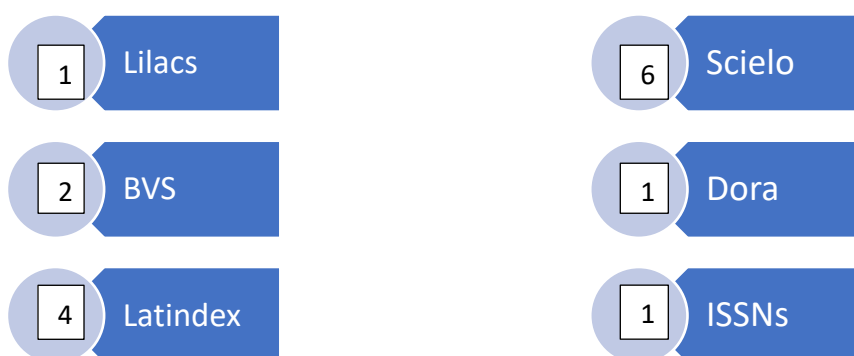
Artigo	Fonte	Título do Artigo	Autores	Objetivo	Periódico	Ano
A1	Dora	Uso das redes sociais pelos profissionais da saúde e suas implicações éticas	Amazonas, J.B.; Souza, N.G.; Marinho, R.F.; Coêlho, P.D.L.P.; Santos, M. L.F.; Santos, E.B.; Paiva, S.N.S.; Figueiredo, S.N.	Identificar as evidências científicas disponíveis sobre o uso das redes sociais pelos profissionais de saúde e suas implicações éticas.	Contemporary Journal	2024
A2	ISSNs	O comportamento do enfermeiro frente às mídias sociais	Souza, R.A.; Paula, K.P.; Pôncio, T.G.H.O.; Randow, R. M. V.; Ventura, R.C.M.O.	Analisar sobre o comportamento dos enfermeiros na internet e nas redes sociais, e relacioná-los à Resolução Nº 554/2017 do Conselho Federal de Enfermagem.	Revista Ensino, Educação & Ciências Exatas	2024
A3	Latindex	Impacto das redes sociais na educação: como as mídias sociais influenciam o aprendizado.	Sobrinho BB, Marques CD, Azevedo DM, de Sá GB, Cavalcanti GT, Amorim LAS, Mendes SAF, da Silva TPA.	Explorar as implicações das redes sociais na educação, direcionando seu foco para compreender de que maneira essas plataformas influenciam o processo de aprendizado e como podem ser utilizadas efetivamente nos dias atuais.	Revista Foco	2024
A4	LILACS	Condutas não profissionais no uso das mídias sociais por estudantes da área da saúde: revisão integrativa da literatura	Pinheiro T.S, Ramos K.C.S, Victor R.F, Fidêncio V.L.D	Revelar o comportamento nas mídias sociais de estudantes de cursos de graduação na área da saúde do ponto de vista da ética profissional.	Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde	2023
A5	Scielo	Mídias sociais na atenção de enfermagem às famílias: refletindo sobre o cuidado on-line e seus aspectos éticos.	Bazzan, J. S., Gomes, S. F., and Schwartz, E.	Refletir sobre as mídias sociais na atenção de enfermagem às famílias em face dos aspectos éticos.	Editora UFFS	2022

Artigo	Fonte	Título do Artigo	Autores	Objetivo	Periódico	Ano
A6	BVS	Perfil de um projeto de educação em saúde de enfermagem na rede social Instagram.	Faustino G.P.S, Silva M.O, Almeida Filho AJ, Ferreira M.A.	Caracterizar o perfil de um projeto de educação em saúde e suas contribuições à difusão de informação na rede social Instagram.	Rev Brasileira de Enfermagem.	2022
A7	Latindex	A influência das redes sociais na saúde dos seus usuários: uma revisão narrativa.	Santos M.E.L, Sousa S.M, Sousa J.S, Pachú C.O.	Identificar os pontos positivos e negativos sobre a influência das redes sociais no contexto da alimentação e estilo de vida dos seus usuários.	RECIMA21 – Rev Científica Multidisciplinar	2022
A8	Latindex	A Internet e as redes sociais como espaços de educação em saúde.	Albuquerque R.N, Lins A.M.R.	Averiguar o uso da Internet e das redes sociais como espaço de educação em saúde entre estudantes universitários de uma instituição privada de ensino superior do Distrito Federal.	Revistas UniFOA	2022
A9	Scielo	Sigilo médico na era digital: análise da relação médico-paciente.	Lettieri G.K, Tai A.H, Hütter A.R, Raszl A.L.T, Moura M, Cintra R.B.	Analisar o sigilo na relação médico-paciente, abordando a influência de novas tecnologias, como as mídias sociais, no exercício da profissão, e aferindo o conhecimento de profissionais sobre situações em que o sigilo pode ser quebrado sem consequências legais.	Revista Bioética	2022
A10	Latindex	Impacto das mídias sociais nas ações de educação em saúde voltadas à população	Lima M.A.G; Mendes L.S.F; Ana Machado ALLB; Freitas M.C	Analisar o impacto das mídias sociais para a educação em saúde para a população. Metodologia:	Revista Research, Society And Development	2021
A11	Scielo	Tecnologia de informação e comunicação no ensino de enfermagem.	Alves A.G, Cesar F.C, Martins C.A, Ribeiro L.C, Oliveira L.M, Barbosa M.A, et al.	Analisar a utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no processo de ensino e aprendizado por docentes de enfermagem.	Acta Paul Enferm.	2020

Artigo	Fonte	Título do Artigo	Autores	Objetivo	Periódico	Ano
A12	Scielo	As mídias e as plataformas digitais no campo da Educação Permanente em Saúde: debates e propostas.	França T, Rabello E.T, Magnago C.	Debater a relevância das mídias e das plataformas digitais como ferramentas para o desenvolvimento e gestão de ações de Educação Permanente em Saúde.	Saúde Debate.	2019
A13	Scielo	As redes sociais nos processos de trabalho em enfermagem: revisão integrativa da literatura.	Mesquita A.C, Zamarioli C.M, Fulquini F.L, Carvalho E.C, Angerami E.L.S.	Identificar e analisar as evidências disponíveis na literatura sobre a utilização de redes sociais nos processos de trabalho em enfermagem.	Rev Esc Enferm USP.	2017
A14	BVS	Reflexões sobre o uso das redes sociais virtuais no cuidado às pessoas com doença crônica.	Santos G.S dos, Tavares C.M.M, Pereira C.S.F et al.	Refletir sobre o uso das redes virtuais pelos enfermeiros no cuidado às pessoas com doença crônica.	Rev. enferm. UFPE on line.	2017
A15	Scielo	As redes sociais na educação em enfermagem: revisão integrativa da literatura.	Kakushi L.E, Évora Y.D.M.	Identificar a utilização das redes sociais na educação em enfermagem.	Rev. Latino-Am. Enfermagem.	2016

Fig 2 – Processo de seleção dos artigos que compuseram a amostra deste estudo

Fonte: a autora

Fig 3 - Panorama quantitativo dos artigos encontrados nas bases de dados pesquisada

Fonte: a autora

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Ao analisar os estudos, evidencia-se que mídias sociais são utilizadas como estratégia de disseminação do conhecimento científico em diversos ambientes e contextos diferentes da saúde, como: promoção de saúde; comunicação em saúde; educação em saúde entre outros.

As redes sociais oferecem uma oportunidade única para disseminar informações sobre saúde, educar a população e engajar os usuários em práticas de autocuidado e prevenção de doenças. Uma das principais vantagens das redes sociais na promoção da saúde é a sua capacidade de atingir uma ampla audiência em um curto período. Elas têm se mostrado uma ferramenta poderosa para a promoção da saúde, proporcionando um alcance global e oportunidades de interação direta com o público.

4.1 O papel das redes sociais como ferramentas de trabalho na educação em saúde

As redes sociais têm o potencial de impulsionar avanços significativos em objetivos de saúde pública, como a diminuição da incidência de doenças crônicas e infecciosas. Além de poderem melhorar a eficácia dos tratamentos, contribuir para a prevenção de atendimentos emergenciais e, conseqüentemente, ajudar na redução dos custos gerais com saúde (Santos *et al.*, 2017).

No que diz respeito aos profissionais de saúde, as mídias sociais oferecem recursos valiosos para disseminar informações e discutir temas relacionados a políticas públicas e práticas assistenciais. Por meio dessas plataformas, é possível incentivar hábitos saudáveis, promover a educação em saúde e estabelecer uma comunicação mais próxima com pacientes, cuidadores, estudantes e outros profissionais da área. Outrossim, essas redes virtuais permitem a construção de conexões profissionais, a divulgação de descobertas e atualizações, o engajamento dos pacientes e a ampliação do acesso à informação de qualidade

para a população em geral, contribuindo para melhores desfechos em saúde (Santos *et al.*, 2017).

Ademais, um estudo realizado por França, Rabello e Magnago, (2019) sobre o uso do *WhatsApp* revelou que profissionais da saúde recorrem à plataforma para diversas finalidades, como compartilhar informações sobre saúde, discutir casos clínicos, apoiar pacientes durante tratamentos, divulgar orientações e até mesmo para fins de aprendizado. Essas práticas também se estendem a outras mídias sociais, como *blogs*, *Twitter* e *Facebook*. Essas formas de utilização refletem estratégias criadas para explorar o potencial dessas tecnologias no contexto profissional. No entanto, a real eficácia desse uso está fortemente ligada à forma como essas ferramentas já foram incorporadas pela sociedade no dia a dia. Como essas plataformas já fazem parte da rotina das pessoas para se comunicarem com familiares e amigos, é um passo natural que passem também a ser usadas no ambiente profissional, inclusive na área da saúde (França; Rabello; Magnago, 2019).

Além disso, uma abordagem ainda pouco explorada, mas com grande potencial, é a utilização das redes sociais no contexto da vigilância em saúde. Por meio da análise das interações e conteúdos compartilhados, é possível identificar com mais agilidade as necessidades da população, o que pode orientar tanto a formulação de políticas públicas quanto a qualificação de profissionais por meio de ações educativas. Uma revisão da literatura realizada por França, Rabello e Magnago, (2019) apontou que mais de 60% dos estudos analisados identificaram uma correlação positiva entre os dados obtidos por meio das mídias sociais e os resultados fornecidos pelos sistemas tradicionais de vigilância em saúde. Isso indica que as redes sociais podem funcionar como uma ferramenta complementar eficaz no rastreamento de problemas de saúde e no planejamento de ações de Educação Permanente em Saúde (EPS) (França; Rabello; Magnago, 2019).

Outro exemplo relevante do uso das redes sociais como ferramenta na educação em saúde é um estudo realizado por Faustino et al. (2022) que investigou o uso do perfil de um projeto de educação em saúde voltado para a enfermagem na plataforma *Instagram*.

A página "@resenhadasaude", no *Instagram*, gerida por dois docentes do curso de Enfermagem e por uma equipe composta por quatro a seis discentes de uma universidade pública federal situada na cidade do Rio de Janeiro, revelou-se uma estratégia relevante para a promoção da educação sexual entre adolescentes e jovens. Tal temática, frequentemente negligenciada no contexto escolar e familiar, encontra barreiras relacionadas ao desconhecimento e aos tabus socioculturais que ainda a cercam. Inicialmente focado no Rio de Janeiro, o projeto acabou alcançando outros Estados, demonstrando o potencial do *Instagram* para ampliar a atuação dos enfermeiros como divulgadores de conhecimentos científicos. As métricas de interação no perfil indicam a validação do trabalho, com público, enfermeiros e acadêmicos de enfermagem interagindo ativamente, comentando e compartilhando o conteúdo, o que torna esse espaço um meio eficiente de aprendizagem e divulgação científica (Faustino *et al.*, 2022).

Segundo Faustino *et al.* (2022), o *Instagram*, como plataforma democrática para debates, permite que temas de saúde, antes limitados ao ambiente físico da sala de aula ou das unidades de saúde, sejam discutidos virtualmente. Isso possibilita que as pessoas acessem conteúdos educativos sobre cuidado e promoção da saúde de maneira acessível e de qualidade, desde que gerido por grupos comprometidos e qualificados. O crescimento significativo da página "resenhadasaude", incluindo um aumento expressivo nas métricas de engajamento e no alcance das publicações, reflete tanto o interesse quanto a confiança do público nos conteúdos compartilhados.

O mesmo autor afirma que a criação de *quizzes* foi apontada como uma ferramenta capaz de identificar lacunas no conhecimento dos seguidores, como, por exemplo, equívocos sobre o uso de preservativos. Isso permite que os educadores em saúde ajustem suas abordagens, focando nas dúvidas mais comuns e ampliando a disseminação de informações técnicas e científicas. Contudo, embora o potencial educativo da divulgação científica seja evidente, é essencial que haja mais incentivos e políticas públicas para viabilizar essas estratégias, tanto presencialmente quanto remotamente como narra Faustino *et al.*, (2022).

Ainda de acordo com Faustino *et al.* (2022) é necessário garantir a inclusão digital, para que todas as camadas sociais tenham acesso à informação, contribuindo para uma comunicação mais equitativa e democrática. Assim, somado a outras estratégias educacionais da enfermagem, o uso das redes sociais pode representar uma nova forma de atuação dos profissionais de saúde na promoção da saúde, com um caráter mais autônomo e acessível (Faustino *et al.*, 2022).

Em relação ao ambiente educacional, as redes sociais exercem influência significativa, especialmente quando exploram recursos dinâmicos e envolventes que favorecem a interação e a participação de todos. Nesse cenário, destaca-se a importância das abordagens lúdicas, que se revelam essenciais para tornar o aprendizado mais atrativo e eficaz, contribuindo diretamente para o enriquecimento das práticas pedagógicas (Braz Sobrinho *et al.*, 2024).

Vale ressaltar que as mídias sociais desempenham um papel relevante não apenas na qualificação do ensino-aprendizagem, mas também na transformação do ambiente educacional em um espaço mais envolvente e interativo. A inserção dessas ferramentas tecnológicas contribui para a valorização de práticas pedagógicas que estimulam a ludicidade, a inclusão e a valorização da diversidade, ampliando o potencial formativo dos alunos tanto no âmbito acadêmico quanto no desenvolvimento de sua cidadania (Braz Sobrinho *et al.*, 2024).

Outro aspecto importante a ser mencionado é que um dos grandes ganhos para estudantes da área da saúde ao utilizarem redes sociais em ambientes acadêmicos é a criação de um espaço mais acessível para o debate. Nesses meios, muitos alunos conseguem se expressar com mais liberdade e confiança, superando bloqueios comuns como a timidez em realizar perguntas ou o receio de se expor diante de professores e colegas em interações na sala de aula (Kakushi; Évora, 2015).

No que diz respeito as pesquisas científicas, as redes sociais podem ser uma alternativa eficaz para o recrutamento de voluntários, uma vez que, oferecem a possibilidade de alcançar um público extenso em menor tempo e com investimentos financeiros reduzidos, além de proporcionarem uma via prática e direta de contato com os participantes. Diante desse cenário, é recomendável que futuros pesquisadores considerem essas ferramentas como uma estratégia viável, exceto

em casos nos quais o perfil dos indivíduos investigados ou a natureza do estudo torne inviável esse tipo de abordagem. Outro ponto favorável à utilização das redes sociais na pesquisa é a facilidade de acesso a grupos que, em outras circunstâncias, seriam de difícil alcance, o que beneficia tanto o recrutamento quanto a condução de intervenções online (Mesquita *et al.*, 2017).

Nas pesquisas de longa duração, um dos grandes obstáculos enfrentados é manter o vínculo com os participantes ao longo do tempo. Nesse sentido, as redes sociais também podem atuar como aliadas importantes, ajudando a contornar situações em que os participantes não podem ser localizados pelos pesquisadores por mudanças nos meios tradicionais de contato, como telefone ou endereço físico. Plataformas como o *Facebook*, por exemplo, permitem retomar o contato com indivíduos que, de outra forma, poderiam se tornar inalcançáveis, preservando a integridade e a continuidade dos estudos (Mesquita *et al.*, 2017).

Para os docentes, essas plataformas digitais oferecem oportunidades de diversificar suas metodologias. Já os estudantes encontram nessas mídias canais para troca de conhecimento, esclarecimento de dúvidas, participação ativa em debates e realização de atividades diversas, tornando o processo educacional mais dinâmico e participativo (Sobrinhos *et al.*, 2024).

Entretanto, é preciso destacar a resistência de muitos docentes da área da saúde em incorporar as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) ao processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, os resultados do estudo analisado evidenciam que, embora os docentes reconheçam o potencial da TIC para enriquecer o aprendizado dos estudantes e impulsionar práticas pedagógicas centradas no aluno, ainda enfrentam diversas barreiras que limitam sua plena utilização. A falta de afinidade com ferramentas digitais, aliada à fragilidade da formação docente voltada para o uso pedagógico da tecnologia, foi apontada como um dos principais entraves à incorporação efetiva das TIC no ensino. Soma-se a isso as limitações institucionais de infraestrutura, suporte técnico e capacitação continuada (Alves *et al.*, 2020).

Outrossim, o uso de redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp* e *YouTube* tem mostrado potencial no ensino, na pesquisa e na assistência em enfermagem, mas ainda encontra resistência por parte dos professores,

especialmente os pertencentes à geração X, cuja formação inicial não contemplou o uso dessas tecnologias. Essa lacuna formativa, associada ao conflito geracional entre docentes e discentes, reforça a necessidade urgente de políticas de educação permanente que promovam a qualificação docente para o uso crítico, reflexivo e pedagógico das TIC. Nesse contexto, os achados do estudo realizado por Alves *et al.* (2020) contribuem significativamente para reflexões sobre a formação docente e o fortalecimento de práticas pedagógicas inovadoras, capazes de alinhar o ensino de enfermagem às demandas contemporâneas e ao perfil tecnológico dos estudantes (Alves *et al.*, 2020).

4.2 Redes sociais e a educação em saúde

Integrar ferramentas tecnológicas às práticas educativas em saúde é uma estratégia essencial que deve ser adotada tanto por profissionais da saúde pública quanto por gestores. Embora o uso dessas tecnologias na saúde pública ainda esteja em estágios iniciais, já é possível identificar algumas tendências emergentes, como o foco não apenas no aspecto cognitivo e no entretenimento, mas também na gestão e monitoramento de doenças crônicas, como por exemplo, a hipertensão. Conforme revela Lima *et al.* (2021) as redes sociais têm se destacado como uma ferramenta poderosa para a disseminação de informações relevantes, promovendo a troca de conhecimentos, a realização de cursos à distância e a oferta de consultas online. Essa expansão das possibilidades tecnológicas, portanto, amplia significativamente os recursos educacionais disponíveis na área da saúde (Lima *et al.*, 2021).

Em 2011, buscar dados relacionados à saúde se tornou uma das principais ações realizadas na internet, ocupando o terceiro lugar entre os hábitos *online* mais frequentes (Santos *et al.*, 2017). Diante desse cenário, torna-se essencial analisar o papel das redes sociais como ferramenta no cuidado às pessoas com doenças crônicas. Assim, para muitos indivíduos que convivem com doenças crônicas, a internet representa a principal fonte de informação sobre saúde. Dentre as atividades mais populares nas redes sociais virtuais para esse público, destacam-se os blogs e os fóruns de discussão sobre saúde. Esses espaços oferecem a

possibilidade de buscar conteúdos de forma ágil e aprofundada, sem exigir conhecimentos técnicos avançados ou a necessidade de revelar a identidade do usuário. Plataformas como *Facebook* e *Twitter* são amplamente utilizadas para esse tipo de interação e troca de informações (Santos *et al.*, 2017).

Uma pesquisa realizada com estudantes universitários maiores de 18 anos, matriculados no primeiro semestre dos cursos de Enfermagem, Educação Física e Biomedicina, revelou um cenário promissor quanto ao uso das tecnologias digitais na promoção da saúde. A grande maioria dos participantes demonstrou utilizar a Internet como fonte de informações relacionadas à saúde, atribuindo a ela um papel relevante no processo educativo nessa área. De modo geral, os dados indicam que 94,2% enxergam a Internet como um ambiente significativo para a educação em saúde, enquanto 89% reconhecem sua influência direta sobre o aprendizado da população. As redes sociais também se destacaram como ferramentas de apoio, com mais da metade dos respondentes (56,2%) expressando algum grau de confiança nesses meios, e 90,5% identificando nelas um potencial educativo. Além disso, 73,7% dos entrevistados mostraram-se dispostos a participar de capacitações on-line voltadas à educação em saúde, evidenciando uma receptividade às práticas formativas mediadas por tecnologias (Albuquerque; Lins, 2022).

Ainda conforme os mesmos autores, os resultados do estudo apontam que mais da metade dos estudantes (54%) reconhece a relevância da educação em saúde tanto no ambiente físico quanto no digital. Essa percepção reforça a necessidade de que os profissionais da área estejam preparados não apenas para atuar em espaços presenciais, como em palestras e sala de espera, mas também dominem as ferramentas e linguagens próprias das redes sociais, ampliando assim seu alcance educativo (Albuquerque; Lins, 2022).

Entretanto, a influência das redes sociais também pode ser negativa levando em consideração a convivência diária dos usuários com conteúdo idealizados, compostos por imagens corporais irreais ou excessivamente editadas, o que pode gerar distorções na forma como o indivíduo percebe a si mesmo, impactando negativamente sua autoestima. Além disso, o tempo excessivo

dedicado às redes sociais tende a reduzir o engajamento em atividades físicas, contribuindo para um estilo de vida mais sedentário (Santos *et al.*, 2022).

Outro fator preocupante é o alto grau de credibilidade que muitos usuários atribuem às informações disseminadas nesses ambientes digitais. Quando o conteúdo compartilhado não passa por critérios técnicos ou científicos, e é produzido por pessoas sem a devida qualificação, ele pode representar um risco à saúde. Por isso, é fundamental que o público adote uma postura mais crítica, avaliando tanto a veracidade das informações consumidas quanto a formação profissional de quem as divulga, especialmente quando o assunto envolve práticas corporais, nutrição ou qualquer outro tema relacionado ao bem-estar físico e mental (Santos *et al.*, 2022).

4.3 Principais desafios éticos enfrentados pelos enfermeiros ao utilizarem as redes sociais

Com a crescente expansão do acesso à internet, observa-se que as redes sociais têm adquirido um papel cada vez mais significativo como instrumentos auxiliares no campo da saúde. No entanto, essa utilização suscita preocupações relevantes no que tange à privacidade e à segurança das informações compartilhadas, levantando implicações éticas que merecem atenção e debate no contexto dos cuidados em saúde.

Assim, questões como *a proteção da privacidade, a segurança dos dados de pacientes e profissionais, o consentimento informado em pesquisas realizadas virtualmente e a manutenção da confidencialidade* tornam-se centrais nesse contexto. Além disso, a interação online entre profissionais de saúde e usuários pode gerar conflitos com os princípios estabelecidos pelos códigos de ética, uma vez que nem sempre as condutas observadas no meio digital refletem os padrões exigidos na prática profissional (Amazonas *et al.*, 2024).

É importante destacar que a atuação de enfermeiros no ambiente virtual exige cautela, sobretudo no que se refere à exposição de conteúdos relacionados a pacientes, práticas terapêuticas ou aspectos do exercício profissional. Publicações

inadequadas ou imprudentes nas redes sociais podem configurar infrações éticas e resultar em implicações legais, incluindo responsabilizações de natureza administrativa, civil e penal (Cofen, 2021).

O uso concomitante das mídias sociais para fins pessoais e profissionais por parte de profissionais da saúde tem se tornado uma prática comum na atualidade. No entanto, ainda são escassos os dados que esclareçam de forma consistente como a presença digital desses indivíduos influenciam a percepção dos pacientes quanto ao seu profissionalismo. A exposição de aspectos da vida pessoal em perfis públicos pode, em alguns casos, gerar conflitos de imagem ou afetar a credibilidade profissional, sobretudo quando os conteúdos compartilhados não condizem com os valores éticos e comportamentais esperados socialmente no contexto do cuidado em saúde. Esse cenário evidencia a necessidade de diretrizes mais claras sobre a conduta ética nas redes sociais, a fim de preservar a confiança na relação entre paciente e profissional (Amazonas *et al.*, 2024).

No âmbito da pesquisa sobre o uso de redes sociais por profissionais de Enfermagem, um dos estudos analisados na revisão realizada por Mesquita *et al.* (2017) investigou como enfermeiros da Itália e do Reino Unido utilizam o *Facebook*. A análise revelou a presença de conteúdos considerados inapropriados sob a perspectiva profissional, como publicações envolvendo consumo de álcool, nudez e material de conotação sexual. Esses achados evidenciam dilemas éticos, jurídicos e profissionais que desafiam os limites entre a vida pessoal e o exercício da profissão. Embora os enfermeiros tenham o direito de utilizar as mídias sociais em sua esfera privada, é necessário reconhecer que suas identidades pessoal e profissional coexistem de maneira integrada, influenciando-se mutuamente. Assim, qualquer conteúdo publicado pode ser interpretado como reflexo de sua conduta profissional e até mesmo impactar avaliações futuras (Mesquita *et al.*, 2017).

Dessa forma, segundo o mesmo autor, uma possível solução seria a manutenção de perfis distintos para uso pessoal e profissional, mas, independentemente dessa separação, é imprescindível o exercício contínuo de autorreflexão crítica quanto à adequação dos conteúdos divulgados.

Outro aspecto importante a ser analisado é o comportamento dos estudantes da área da saúde nas mídias sociais. Segundo uma revisão realizada por Pinheiro

et al. (2023), dos dez estudos analisados, cinco foram realizados com graduandos de medicina, três com graduandos da área de odontologia e dois com graduandos da área da enfermagem. Todos concluíram que esses grupos apresentaram condutas nas redes sociais que ferem o código de ética das suas determinadas áreas.

Estudos realizados por Nyangeni, Du Rand e Van Royen (2015) e por Ayoama (2019), analisados por Pinheiro *et al.* (2023), apontam que o uso inadequado das mídias sociais por estudantes e profissionais de Enfermagem pode comprometer seriamente os princípios de privacidade e confidencialidade no cuidado ao paciente. No primeiro estudo, graduandos admitiram ter registrado imagens e vídeos de pacientes durante o atendimento, publicando esse conteúdo em redes sociais e, em muitos casos, divulgando informações que permitiam a identificação das pessoas envolvidas. Já no segundo, conduzido com pacientes atendidos por serviços de Enfermagem, mais da metade dos entrevistados relatou sentir receio de ter sua intimidade exposta em ambientes digitais. Tais evidências revelam a urgência de fortalecer a formação ética acadêmica e a regulamentação do uso das mídias digitais no âmbito da saúde, a fim de garantir a segurança e assegurar os direitos dos pacientes.

Ainda a respeito de informações importantes a serem destacadas é fundamental apontar a confidencialidade, a qual constitui um valor ético fundamental nas interações humanas, especialmente nas práticas em saúde, estando intrinsecamente vinculada aos direitos à privacidade, ao sigilo profissional e à autonomia do indivíduo. A proteção das informações compartilhadas entre paciente e profissional de saúde tem suas raízes históricas no Juramento de Hipócrates, que consolidou a noção do segredo médico como um compromisso ético essencial da profissão. Apesar de sua relevância e tradição na ética assistencial, a manutenção do sigilo ainda enfrenta violações recorrentes, revelando fragilidades na conduta profissional e na efetivação de direitos básicos do paciente (Lettieri *et al.*, 2022).

Nesse contexto, a exposição de informações relacionadas à saúde de um indivíduo pode repercutir negativamente na forma como ele é percebido socialmente, afetando julgamentos sobre sua expectativa de vida, predisposição a determinadas enfermidades, ou até mesmo sobre aspectos íntimos, como

maternidade. Dados sensíveis que envolvem doenças crônicas, infecciosas, psiquiátricas, uso de substâncias ou questões ligadas à sexualidade, quando divulgados sem consentimento, têm o potencial de provocar estigmatização e exclusão, impactando de maneira significativa a vida pessoal, social e emocional do paciente (Lettieri *et al.*, 2022).

Dessa forma, é válido salientar que garantir a confidencialidade, pode favorecer a adesão ao tratamento e a autonomia e segurança na tomada de decisões, além de estimular a confiança e o vínculo profissional-paciente.

O estudo realizado por Lettieri et al. (2022) com 116 médicos investigou práticas relacionadas ao uso de mídias sociais e aplicativos de mensagens instantâneas no contexto profissional, revelando dados preocupantes no que diz respeito à ética, à confidencialidade e ao sigilo médico. A maioria dos participantes (70,7%) afirmou utilizar esses meios para fins profissionais, sendo o WhatsApp (68,1%) e o e-mail (30,2%) os mais recorrentes. Entre os participantes que declararam utilizar aplicativos de mensagens, 82,8% relataram discutir casos clínicos por meio dessas plataformas, seja de forma individual (24%), em grupos (19,8%) ou em ambas as modalidades (56,2%). Apesar da praticidade e da agilidade proporcionadas por esses recursos, os dados indicam uma naturalização do compartilhamento de informações clínicas em ambientes digitais, muitas vezes sem critérios claros de proteção à privacidade dos pacientes. Esse cenário é reforçado pela percepção dos médicos entrevistados: 73% consideram que os benefícios e a eficiência da comunicação digital superam os riscos à confidencialidade, o que revela uma possível subvalorização dos princípios éticos em nome da funcionalidade.

Ao serem confrontados com situações-problema, os médicos demonstraram conhecimento parcial sobre os limites do sigilo profissional. Muitos não reconheceram a divulgação de imagens médicas sem identificação como quebra de sigilo (62,1%) e parte significativa validou práticas que contrariam o Código de Ética Médica, como a inclusão de diagnósticos em atestados sem consentimento ou a divulgação de informações sensíveis em notas justificativas. Por outro lado, a maioria mostrou-se mais consciente quando o compartilhamento de informações clínicas ocorre em grupos profissionais restritos, o que está de acordo com orientações do Conselho Federal de Medicina (CFM).

Nesse sentido, os achados do estudo realizado por Lettieri et al. (2022) reforçam a necessidade de maior orientação e capacitação ética, especialmente diante do uso crescente de tecnologias digitais na prática médica. O estudo evidencia que, embora os profissionais reconheçam a utilidade dessas ferramentas, ainda existem lacunas no entendimento e na aplicação dos princípios de sigilo e confidencialidade.

4.4 Subsídios para o uso das plataformas de maneira ética e responsável pelos enfermeiros

Apesar dos inúmeros benefícios, o uso inadequado das plataformas digitais pode gerar sérias consequências. A exposição dos pacientes, a violação do sigilo profissional e o compartilhamento de informações falsas ou inadequadas nas redes sociais são riscos frequentes. Tais condutas ferem o Código de Ética da Enfermagem e podem comprometer tanto a segurança do paciente quanto a credibilidade do profissional. Por isso, se faz necessário discutir sobre subsídios para o uso das plataformas pelos enfermeiros de maneira ética e responsável. De igual modo, surge a reflexão sobre a necessidade de uma normatização direcionada aos profissionais da saúde, estabelecida por suas respectivas entidades reguladoras.

De acordo com um estudo realizado por Souza *et al.* (2024), a investigação teve como foco os aspectos ético-legais relacionados à exposição de pacientes por profissionais de enfermagem em ambientes virtuais. Ao serem questionados sobre o conhecimento de episódios de divulgação inadequada de informações de pacientes em redes sociais, veículos de imprensa ou outras plataformas de ampla visibilidade, 18 participantes (62,1%) relataram ter conhecimento de ocorrências desse tipo, envolvendo diretamente a atuação de enfermeiros. Em contrapartida, 11 profissionais (37,9%) afirmaram não ter ciência de tais situações.

Dando continuidade à análise sobre condutas profissionais em ambientes virtuais, foi questionado aos participantes se já haviam registrado imagens de si mesmos no local de trabalho, utilizando vestimentas típicas da enfermagem, como

jalecos, scrubs ou uniformes hospitalares. A maioria dos respondentes ($n = 19$; 65,5%) declarou já ter realizado esse tipo de registro fotográfico durante o exercício de suas funções. Em contrapartida, 10 profissionais (34,5%) afirmaram nunca ter feito esse tipo de fotografia no ambiente profissional (Souza *et al.*, 2024).

Acrescenta-se que os enfermeiros foram indagados quanto ao seu conhecimento sobre a Resolução nº 554/2017 do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), que estabelece diretrizes para a conduta profissional nas mídias digitais. Os dados revelaram que 51,7% dos participantes afirmaram estar familiarizados com o conteúdo da norma, enquanto 48,3% declararam desconhecê-la. Apesar de sua vigência desde 2017, observa-se uma lacuna significativa na compreensão e aplicação da normativa, o que contraria o princípio ético de conhecimento e cumprimento das disposições profissionais, conforme previsto na Resolução COFEN nº 564/2017, que trata do Código de Ética dos profissionais de enfermagem. Ademais, ao serem questionados sobre a prática de divulgar imagens do tipo “antes e depois” de pacientes, 44,8% afirmaram que publicariam esse tipo de conteúdo, enquanto 55,2% se posicionaram contrariamente. Esse dado evidencia a fragilidade no reconhecimento das proibições estabelecidas pela legislação vigente, que veta expressamente a exposição de imagens comparativas ou de exames com identificação do paciente sem o devido consentimento formal (Souza *et al.*, 2024).

Segundo Barton e Skiba (2012) e Moreira e Pestana (2012), conforme citados por Bazzan, Gomes e Schwartz (2022), a literatura destaca a importância de promover a capacitação dos profissionais de enfermagem quanto ao uso das mídias sociais como recurso de apoio ao exercício profissional. A falta de diretrizes claras, por sua vez, pode resultar em condutas inadequadas, como exemplifica o caso de um estudante desligado de sua instituição de ensino após publicar, em redes sociais, imagens pessoais ao lado de uma placenta, situação que reforça a urgência dessa preparação ética e profissional (Bazzan; Gomes; Schwartz, 2022).

Importa ressaltar, ainda, que a constante menção ao termo “ética” em diversos contextos pode resultar em sua banalização, esvaziando seu significado original e enfraquecendo sua importância no discurso profissional e social. Diante das transformações aceleradas e, muitas vezes, desordenadas que caracterizam a

sociedade contemporânea, torna-se urgente refletir criticamente sobre o papel da ética na atualidade (Bazzan; Gomes; Schwartz, 2022).

Embora o Brasil possua um arcabouço legal sólido no que diz respeito aos princípios éticos e jurídicos da enfermagem, a atuação profissional no ambiente digital ainda representa um desafio. Isso se deve ao fato de que as normativas estabelecidas pelos conselhos reguladores da profissão não evoluem na mesma velocidade que as transformações do universo virtual. Como consequência, muitas situações vivenciadas no cotidiano da prática em saúde nas redes sociais permanecem sem respaldo normativo claro, abrindo espaço para dilemas éticos que não foram previamente contemplados (Bazzan; Gomes; Schwartz, 2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar o papel das redes sociais na promoção da educação em saúde, com ênfase nos benefícios, desafios e implicações éticas decorrentes do uso dessas plataformas pelos profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros. Os resultados obtidos evidenciam que as mídias sociais se configuram como ferramentas relevantes para a disseminação de informações de saúde, o incentivo à adoção de hábitos saudáveis, o fortalecimento do vínculo com a comunidade, a vigilância em saúde, a colaboração em pesquisas, o acesso e a troca de informações científicas, a ampliação da visibilidade dos profissionais e o aprimoramento de práticas educativas, tanto em ambientes acadêmicos quanto assistenciais.

A análise dos dados revelou que as redes sociais podem ampliar o acesso à informação e tornar o processo educativo mais interativo e dinâmico, favorecendo o empoderamento dos usuários e o protagonismo do enfermeiro como agente educador. No entanto, observou-se que a eficácia dessas práticas depende muito do uso ético, responsável e qualificado das plataformas digitais, bem como do conhecimento das normativas profissionais vigentes.

Embora o Brasil disponha de um arcabouço legal no que se refere aos princípios éticos da enfermagem, os achados desta pesquisa indicam que a atuação profissional no digital ainda representa um desafio. Tal fato decorre da velocidade com que novas demandas e situações emergem no ambiente virtual, nem sempre acompanhadas por atualizações normativas. Essa lacuna contribui para a ocorrência de condutas inadequadas, que podem comprometer a privacidade do paciente, violar o sigilo profissional e gerar consequências legais para os enfermeiros.

A investigação também apontou a fragilidade na formação ética e digital dos profissionais, evidenciadas pelo desconhecimento de regulamentações específicas e comportamentos incompatíveis com os princípios éticos da profissão. Nesse sentido, ressalta-se a importância da Educação Permanente em Saúde e da

adoção de políticas institucionais que promovam a capacitação contínua dos profissionais quanto ao uso das redes sociais no exercício profissional.

Conclui-se, portanto, que as redes sociais representam uma ferramenta estratégica para a promoção da educação em saúde, desde que utilizadas de forma ética, crítica e consciente. Nesse contexto, é fundamental destacar a necessidade de mais estudos sobre essa temática, considerando que se trata de um assunto atual, em constante evolução e de grande relevância tanto para os profissionais quanto para os pacientes. Observa-se, no entanto, que ainda há uma escassez de pesquisas que abordem o uso das redes sociais na promoção da educação em saúde e suas implicações éticas.

Ademais, é imprescindível que os enfermeiros estejam preparados para atuar tanto nos espaços presenciais quanto virtuais, com compromisso profissional e respeito aos direitos dos pacientes. Assim, será possível transformar o ambiente digital em um espaço legítimo de cuidado, aprendizagem e cidadania.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AÏMEUR, E.; AMRI, S.; BRASSARD, G. Notícias falsas, desinformação e desinformação nas mídias sociais: uma revisão. *Social Network Analysis and Mining*, v. 13, p. 30, 2023. DOI: 10.1007/s13278-023-01028-5. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s13278-023-01028-5>. Acesso em: 27 dez. 2024.

AURÉLIO. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 6. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2024.

BARRY, J.; HARDIKER, N. Avançando na prática de enfermagem por meio da mídia social: uma perspectiva global. *OJIN: The Online Journal of Issues in Nursing*, v. 17, n. 3, manuscrito 5, 30 set. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.3912/OJIN.Vol17No03Man05>. Acesso em: 20 dez. 2024.

BENECKE, O.; DEYOUNG, S. E. Tomada de decisão antivacina e ressurgimento do sarampo nos Estados Unidos. *Saúde Pediátrica Global*, 2019. DOI: 10.1177/2333794X19862949.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*. Belo Horizonte, v.5, n. 11, p. 121-136.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Educação Popular em Saúde: conceito e diretrizes. Brasília, 2008. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br>. Acesso em: 27 dez. 2024.

BURGESS, Jean; HURLEY, Dan; MITCHELL, Patrick. YouTube e a Revolução Digital: Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. 2009. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2205278/mod_resource/content/1/Burgess%20et%20al.%20-%202009%20-%20YouTube%20e%20a%20Revolu%C3%A7%C3%A3o%20Digital%20Como%20o%20maior%20fen%C3%B4meno%20da%20cultura%20participativa%20transformou%20a%20m%C3%ADdia%20e%20a%20socieda.pdf. Acesso em: 09 jan. 2025.

CATHALA, Xabi; MOORLEY, Calvin. Difusão das mídias sociais no ensino de enfermagem: uma revisão de escopo. *Educação de Enfermagem Hoje*, v. 127. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0260691723001405?via%3DiHub>. Acesso em: 20 dez. 2024.

CHEN, J.; WANG, Y. Social Media Use for Health Purposes: Systematic Review. *J Med Internet Res*, v. 23, n. 5, p. e17917, 2021. DOI: 10.2196/17917. Disponível em: <https://www.jmir.org/2021/5/e17917>. Acesso em: 27 dez. 2024.

CONSELHO DE ENFERMAGEM E OBSTETRÍCIA. Sites de redes sociais, 2011. Disponível em: <www.nmc-uk.org/Nurses-and-midwives/Advice-by-topic/A/Advice/Social-networking-sites/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Legislação básica para o exercício da enfermagem. Brasília, 2024. Disponível em: <https://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2024/07/legislacao-basica-para-o-exercicio-da-enfermagem.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2024.

CRUZ, Daniela Imolezi; PAULO, Renata Rodrigues Daher; DIAS, Wellington da Silva; MARTINS, Vidigal Fernandes; GANDOLFI, Peterson Elizandro. O uso das mídias digitais na educação em saúde. *Cadernos da FUCAMP*, Minas Gerais, v. 10, n. 13, p. 130-142, 2011. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/215/228#>. Acesso em: 27 dez. 2024.

ELLISON, Nicole B.; BOYD, Danah M. Sociality through social network sites. *Handbook of mobile communication studies*, p. 151-172, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>. Acesso em: 2 dez. 2024.

FICHERA, Angelo. Viral social media posts offer false coronavirus tips. *FactCheck.org*, 2020. Disponível em: <https://www.factcheck.org/2020/03/viral-social-media-posts-offer-false-coronavirus-tips/>. Acesso em: 27 dez. 2024.

GIROUX, C. M.; MOREAU, K. A. Uma exploração qualitativa do conteúdo relacionado ao ensino e aprendizagem que os estudantes de enfermagem compartilham nas mídias sociais. *Revista Canadense de Pesquisa em Enfermagem*, v. 54, n. 3, p. 304-312, 2022. DOI: 10.1177/08445621211053113.

HIPÓCRATES. Juramento Hipocrático. Disponível em: <https://cremers.org.br/juramento-de-hipocrates/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

INSTAGRAM. Celebrando 10 anos do Instagram. 2020. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/about-us/instagram-product-evolution>. Acesso em: 2 dez. 2024.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução de Luiz Jorge V. Santos. São Paulo: Editora Abril, 1785.

KAPLAN, Andreas M.; HAENLEIN, Michael. Users of the World, Unite! The challenges and opportunities of social media. *Business Horizons*, v. 53, n. 1, p. 59-68, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bushor.2009.09.003>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/222403703_Users_of_the_World_Unite_The_Challenges_and_Opportunities_of_Social_Media. Acesso em: 2 dez. 2024.

KATZ, J. E.; KOLLA, S. The Influence of Social Media on Health Care Decision Making. *Health Affairs*, v. 39, n. 1, p. 114-120, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0277953623008298>. Acesso em: 4 nov. 2024.

LAMERT, K. M.; BARRY, P.; STOKES, G. Gestão de riscos e questões legais com o uso de mídias sociais no ambiente de saúde. *J. Saúde. Gestão de Risco*, v. 31, n. 4, p. 41-47, 2012. DOI: 10.1002/jhrm.20103.

LUBAN, D. Secrecy and confidentiality. In: BECKER, L. C.; BECKER, C. B., editors. *Encyclopedia of ethics*. New York: Garland, 1992.

MARIGO, Paulo. Evolução do LinkedIn: de rede social a potência em recursos humanos, 2024. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/evolu%C3%A7%C3%A3o-do-linkedin-de-rede-social-pot%C3%A2ncia-em-recursos-marigo-gecte>. Acesso em: 2 dez. 2024.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. de C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Contexto Enfermagem*, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008.

MESQUITAAC, ZAMARIOLI CM, FULQUINI FL, CARVALHO EC, ANGERAMI ELS. Social networks in nursing work processes: an integrative literature review. *Rev Esc Enferm USP*. 2017;51:e03219. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2016021603219>

MOORHEAD, S.; HAZLETT, D.; HARRISON, L.; CARROLL, J.; IRWIN, A.; HOVING, C. A new dimension of health care: systematic review of the uses, benefits, and limitations of social media for health communication. *Journal of Medical Internet Research*, v. 15, n. 4, p. e85, 2013. DOI: 10.2196/jmir.1933. Disponível em: <https://www.jmir.org/2013/4/e85>. Acesso em: 27 dez. 2024.

MOORLEY, C. R.; CHINN, T. Supporting student nurses in practice with additional online communication tools. *Nurse Educ Pract*, v. 14, n. 1, p. 69-75, 2014.

RUFINO, Airtiane F.; OHANA, Andrezza; TABOSA, Hamilton Rodrigues. Twitter: a transformação na comunicação e no acesso às informações. 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/264496187>. Acesso em: 09 jan. 2025

TIKTOK. Sobre o *TikTok*. Disponível em: <https://www.tiktok.com/about?lang=pt-BR>. Acesso em: 09 jan. 2025.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. *J Adv Nurs*. v.52, n. 5, p.546-53, Dec, 2005

YOUSUF, H.; et al. Impact of a health behavior change campaign delivered via social media and news platforms on public hygiene behaviors to prevent the transmission of SARS-CoV-2. *JAMA Network Open*, v. 3, n. 7, 2020. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamanetworkopen/fullarticle/2767992>. Acesso em: 5 nov. 2024.